

## **Manifestações populares no Rio de Janeiro do século XIX. A queimação e a malhação do Boneco de Judas**

Popular manifestations  
in Rio de Janeiro of the nineteenth century.  
The burning and the beating the Effigy of Judas

ANDRÉ LEONARDO CHEVITARESE\*

**Resumo:** Este artigo analisa uma antiga e persistente manifestação popular religiosa católica, cuja origem é marcadamente europeia. Trata-se da queimação e malhação do boneco de Judas no Sábado de Aleluia. Ela vai ser estudada na cidade do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XIX, especificamente, mas não exclusivamente, a partir dos quadros e desenhos de pintores que a representaram. Destacam-se, nesta análise, dois elementos centrais: a matriz anti-judaica desta manifestação popular; e a prática racializada que se instaura no ato de queimar e malhar a efigie de Judas entre a população branca e negra na cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Queimação e malhação do Boneco de Judas. Anti-judaísmo. Negros e Brancos. Cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

---

\* Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1997). É professor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (desde 1989) e orientador de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (IH-UFRJ); no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (MN-UFRJ); e no Programa de Pós-Graduação em História (DH-UNICAMP). E-mail: andrechevitarese@yahoo.com.br

**Abstract:** This paper analyzes an old and persistent popular Catholic religious manifestation, whose origin is distinctly European. It deals with the burning and beating of the effigy of Judas on Easter Saturday. It will be studied in the city of Rio de Janeiro during the first half of the nineteenth century, specifically, but not exclusively, from the paintings and drawings of the painters represented. Remarkable, in this analysis, are two central elements: the anti-Jewish matrix of this popular event; and racialized practice that is established in the act of burning and beating the effigy of Judas between the white and black population in the city of Rio de Janeiro.

**Keywords:** Burning and beating of the Effigy of Judas. Anti-Judaism. Black and white populations. City of Rio de Janeiro in the nineteenth century.

I. O leitor interessado em conhecer a manifestação popular da queimação e malhação do boneco de Judas, no *Sábado de Aleluia*, depara-se com um número muito restrito de trabalhos acadêmicos, os quais, em sua maioria, trazem discussões extremamente superficiais sobre o tema. Essa superficialidade pode ser explicada pelo total desconhecimento que muitos desses autores demonstram ter da história do cristianismo. A título de exemplo serão apresentados e concomitantemente discutidos os argumentos contidos em dois desses trabalhos: o de uma historiadora e o de um etnólogo, folclorista e historiador.

1.1. Resultado de sua pesquisa de Doutorado, a historiadora Valéria Lima publicou em 2007 o livro<sup>1</sup> *J.-B. Debret. Historiador e Pintor*. Trata-se de uma análise em torno da obra “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”, publicada em Paris entre 1834 e 1839. No capítulo 4, subitem “Conhecer gentes e coisas”, ao analisar a aquarela de Debret relacionada à queimação do boneco de Judas, Lima (2007, p. 283) observa que na avaliação do referido pintor francês, Judas seria vítima do descontrole e da euforia da população. Ainda segundo essa historiadora, Debret veria nesse tipo de comportamento, expressões típicas dos povos meridionais da Europa, também presentes no Brasil<sup>2</sup>, as quais consistiam em dar asas à ilusão e à imaginação, acentuando contrastes quase incompreensíveis para um europeu do norte.

<sup>1</sup> Apesar de diametralmente opostas, o leitor interessado pode tomar conhecimento crítico do livro de Valéria Lima a partir das resenhas publicadas por Jurandir Malerba. *Hispanic American Historical Review*, 2009 (may) 373-374; e Marguerite Itamar Harrison. *Luso-Brazilian Review*, volume 46, number 2, 2009.

<sup>2</sup> Mota (1976, p. 13) observa que a queimação de Judas, caracterizando o *etnos* judaico e caricaturizando o judeu, também se faz presente na América espanhola.

Convém estabelecer algumas observações acerca dos argumentos propostos por essa pesquisadora. Não há como ler Judas a partir de um único documento, isto é, de uma aquarela. Essa personagem precisa ser lida num contexto muito mais amplo, onde se insere uma das facetas formativas do que se convencionou chamar “Ocidente”, isto é, o antissemitismo (ERICKSEN, 2012, p. 36). Nessa perspectiva mais ampliada, Judas não é uma pessoa, mas um povo; não é vítima, mas algoz. A narrativa de sua traição instaurou uma fronteira, remetendo para campos opostos duas experiências religiosas: judaísmo e cristianismo<sup>3</sup>. Implica dizer, o argumento de Lima beira o nível da ingenuidade! Essa pesquisadora, a seguir, acompanha acriticamente os argumentos de Debret, associando aos povos meridionais da Europa como os lugares de origem para esse comportamento social no Sábado de Aleluia. De fato, parece existir um consenso historiográfico quanto a localizar na Espanha e Portugal essa manifestação popular. Mas, o problema de Lima é se colocar acriticamente diante de uma reflexão feita por Debret em 1823. Essa atitude fez com que a referida historiadora negligenciasse toda a base formativa europeia, centrada na experiência religiosa cristã. O fato de não existir um boneco de Judas para ser queimado em praças e/ou em ruas de cidades e vilas italianas, francesas ou alemãs, não significa dizer que o antissemitismo não estivesse ali presente. Para tanto, basta ter em mente toda produção imagética da Paixão de Jesus na Baixa Idade Média e no Renascimento (MARROW, 1979); ou os textos da Paixão produzidos na sociedade medieval, com ênfase na representação dos judeus nessas narrativas (BESTUL, 1996); ou ainda considerar toda a dramaturgia dessa mesma Paixão, com destaque para a sua montagem em centenas de cidades, tal como ainda ocorre em Oberammergau. Essa vila alemã encenou pela primeira vez a vida, paixão e ressurreição de Jesus em 1634, e desde então continuou a fazê-la, sendo ainda hoje possível de ser vista pelo grande público<sup>4</sup> (SHAPIRO, 2001). Por fim, aceitar uma vez mais, de forma acrítica, como Lima fez, os argumentos de Debret, lendo a manifestação popular da malhação de Judas como ilusão e imaginação, é ignorar todo o ódio que provinha das escolas catequéticas e púlpitos das igrejas, por meio das homilias; é não considerar o forte impacto das palavras de Mateus (27,25) ecoando na formação do povo brasileiro. Não há nada de ilusão e de imaginação no queimar e malhar o Judas. Cada parte queimada do boneco, cada paulada que

<sup>3</sup> Sobre o impacto da narrativa da paixão de Jesus como um processo inicial de demarcação de fronteiras entre essas duas experiências religiosas, ver: Chevitarese, 2008a, 2008b, 2006.

<sup>4</sup> Para uma discussão recente do impacto dessa dramaturgia desenvolvida em Oberammergau no cinema, ver Chevitarese, 2013.

nele era dada, representava cotidianamente o tratamento dispensado ao judeu que vivia nesse país!

Ainda de acordo com Lima (2007, p. 283), Debret buscava demonstrar, por meio da produção dessas imagens, não só o seu caráter enciclopédico, como também traduzir para o leitor aquilo que o Brasil era: um país de costumes ainda pouco desenvolvidos, permeado por uma religiosidade por vezes grotesca. Novamente, parece existir aqui uma inversão de perspectiva: que aos olhos de um francês, em 1823, a cena da malhação do boneco de Judas parecesse um tanto quanto exótica, não seria nenhum absurdo. Mas, confundir estranhamento com religiosidade grotesca é retirar de Debret a sua inserção no âmbito da cultura cristã europeia; é admitir que a base formativa religiosa francesa não fosse a mesma que a “italiana”, “alemã”, portuguesa, espanhola ou brasileira; é acreditar que ele não soubesse que provém exclusivamente de Mateus (27,5) a tradição popular de enforcar o boneco de Judas no Sábado de Aleluia.

Por fim, a referida historiadora (LIMA, 2007, p. 285-286) observa que, com maior ou menor riqueza de detalhes, algumas imagens, incluindo a da malhação de Judas, são descritas como expressões do caráter do povo brasileiro. Elas remeteriam a pelo menos duas tradições: a portuguesa e a africana. Segundo Lima, ao considerar a miscigenação que já então se verificava entre índios, brancos e negros, também o passado indígena entrava na composição desse complexo quadro histórico e cultural. Diante dessas considerações, é surpreendente o fato de Lima não ter demonstrado, por meio de análise e/ou de discussão, os caminhos para se chegar aos elementos que caracterizariam o processo de miscigenação na aquarela de Debret (que trata da queimação e malhação do boneco de Judas). Não é algo naturalmente dado, que esteja ali ao alcance de quem quiser ver na referida pintura. Particularmente eu não vi nada que pudesse sugerir ou indicar uma ideia de miscigenação. Sem dúvida, brancos e negros compartilhavam determinadas crenças religiosas comuns, pelo menos no que tange ao ato de participar direta ou indiretamente da malhação sem piedade do algoz de Jesus. Mas, esse compartilhar não traz consigo qualquer ideia de miscigenação. Ao contrário, o que salta aos olhos, diante da aquarela de Debret, é que ele fez questão de demarcar o enorme fosso que separa brancos de negros, assim como cristãos de judeus.

1.2. Publicado originalmente em 1957, o livro *A Sabedoria Popular* do etnólogo, historiador e folclorista Edison Carneiro tem, na parte denominada “Omnibus”, um capítulo intitulado “Judas, o de Karioth”.

O referido autor abre a sua análise dizendo que o Filho do Homem já se foi há muito tempo, e a seguir pergunta: “quem pensa mesmo no romântico judeu da Galiléia durante a queima do homem leviano de Karioth?” (CARNEIRO, 2008, p. 31)

Apesar de esse trabalho ser marcadamente histórico, não há como negligenciar o fato de o cristão (inserido na ortodoxia) crer que Jesus ressuscitou. É nessa crença que consiste toda centralidade de sua experiência religiosa. Carneiro não poderia jamais ignorar esse dado, pelo menos enquanto historiador! Portanto, não se trata de ele crer ou não crer que um morto possa voltar à vida. Não é essa a discussão. O ponto focal é que para o cristão ortodoxo, Jesus nunca foi embora. Essa certeza não demandaria de Carneiro mais do que uma leitura de um simples versículo do evangelho de Mateus (28,20). Nessa passagem, o autor saberia que Jesus faz parte da história cotidiana de todos os seus seguidores. Assim, a referida pergunta proposta por Carneiro carece totalmente de sentido: queima-se Judas, não por ele mesmo, mas por ter sido o algoz de Jesus.

Tendo em vista que o ponto de partida do referido capítulo é frágil, quase tudo que dali deriva traz a marca dessa fragilidade. Assim, Carneiro (2008, p. 31) observa que essa orgia selvagem, como ele define a queimação e malhação do boneco de Judas, seria uma prática anticristã.

Ora, por mais paradoxal que possa parecer, já que o que mais se enfatiza em torno da mensagem cristã é o amor entre os seres humanos, essa orgia selvagem nada tem de anticristã. Ela foi, desde o seu início, lida e entendida como uma prática absolutamente cristã, repleta de sentidos e significados no interior do cristianismo.

A seguir, o referido etnólogo, folclorista e historiador (CARNEIRO, 2008, p. 31) escreve que nos evangelhos o Filho do Homem teria perdoado, na hora de sua morte, aquele discípulo que, por trinta dinheiros, o havia traído. Segundo Carneiro, o arrependimento nunca vinha tarde para o Cristo – e Judas procurou no enforcamento a expiação da sua culpa.

Da colocação acima, constata-se pelo menos dois erros primários: os evangelhos sinóticos, bem como o joanino, não falaram nada sobre esse perdão de Jesus. Ao mesmo tempo, a morte de Judas nada tem a ver com expiação de sua culpa. Na longa tradição cristã, e a *Divina Comédia*<sup>5</sup> constitui-se aqui

<sup>5</sup> Não sem sentido, Dante Alighieri (*Inferno* 9,28-29; 34,61-63) situou Judas “no lugar mais profundo, mais obscuro e mais distante do céu”, cuja alma, entre todas aquelas que vivem no inferno, sofre a maior pena.

como um excelente exemplo, tudo o que restou desse discípulo foi o seu ato extremamente vil e horroroso, ao trair Jesus por causa de dinheiro. Nota-se, já nesse clássico da literatura ocidental, datado do início do século XIV, uma associação direta entre Judas e os judeus. Dante (*Inferno* 21,82-84) chama Tito de bom, pelo fato de ele ter vingado, com ajuda do supremo rei<sup>6</sup>, as feridas de onde saiu o sangue vendido por Judas, por meio da destruição da cidade e do templo de Jerusalém.

Deve ser creditado como um aspecto positivo, entre os fracos e confusos argumentos do autor, o fato de ele ter visto um elemento de cunho político na narrativa da traição de Judas. Carneiro observa:

Nos primeiros séculos do Cristianismo, haveria a necessidade – a bem dizer política – dessa triste cerimônia. Os cristãos, partidários de uma religião ilegal dentro do onipotente Império Romano, reuniam-se em catacumbas, em lugares esconso, sob o maior mistério – e era necessário criar uma consciência contra o delator, contra os possíveis Judas, que poderiam determinar, não já a crucificação do Cristo [...], mas a dos propagadores dos seus ideais de fraternidade, pobres e humildes elementos do *underground*. (2008, p. 31-32)

Apesar da leitura acima pintar um quadro por demais romântico e utópico sobre as origens do cristianismo, identifica-se no seu interior uma interessante teoria que pode indicar algumas pistas sobre o porquê de o tema da traição de Judas ter sido desenvolvido na narrativa de Marcos, o primeiro autor cristão a mencioná-la, por volta dos anos 70 do século I. No entanto, se o que Carneiro chama de triste cerimônia for para ser entendida como queimação e malhação do boneco de Judas, vale a pena ter aí cuidado. Do ponto de vista espaço-temporal, que ela seja inserida mais para o final da Baixa Idade Média, quando já estaria plenamente consolidada a narrativa da Paixão de Cristo, cabendo a Judas, sistematizando os judeus, o papel de algoz, de traidor de Jesus, portanto, do próprio Deus. Neste caso, a festa popular de queimar e malhar o boneco de Judas é para ser localizada entre os séculos XIII e XV, no ambiente europeu mediterrânico, particularmente, mas não exclusivamente, no interior da península ibérica.

Um último aspecto que convém ser destacado, apesar de conectado com o elemento político inserido na narrativa da traição de Judas, que demonstra a falta de compreensão do que efetivamente é central no objeto que o autor elegeu para sua reflexão, pode ser sistematizado na passagem abaixo. Nela, Carneiro observa:

<sup>6</sup> Trata-se aqui, muito provavelmente, de Vespasiano.

O homem de Karioth encarna [...] o vendeiro da esquina, o chefe da seção, o proprietário da casa de aluguel, a dona da pensão de mulheres, o turco da prestação, o cobrador do gás, o tio rico que não quer morrer, o rival político, o homem importante que passa de automóvel acendendo invejas impotentes. [...] Judas, o de Karioth, centraliza, por um momento, o ódio e a desesperança do homem comum contra o sofrimento a que está condenado [...] Judas vale como um desabafo, como uma explosão contra as amarguras da inferioridade social, a que somente a luta política comum pode dar conteúdo e forma superiores e mais vigorosos (2008, p. 32-33).

Carneiro insiste que a queimação e a malhação de Judas têm um forte componente político, o qual vai associado às enormes tensões sócio-econômicas no interior da sociedade brasileira. Estamos de acordo, enquanto autores, que a queimação e malhação do boneco de Judas contêm, em parte, essa dimensão. Mas, ela não pode ser confundida com o cerne da questão, já que ela não é capaz de responder plenamente o que encarna e centraliza Judas nos meios populares. Esse discípulo representa a violenta alteridade entre cristãos-velhos e cristãos-novos, entre cristãos e judeus. No centro desses campos opostos encontra-se a base antisemita que não pode ser ofuscada pela argumentação da luta política. Essa última se faz presente no ato da queimação e malhação de Judas. Mas, o que dá unidade ao povo para se reunir em torno do boneco de Judas é a sua formação antijudaica<sup>7</sup>. Ela é o ponto de partida e de chegada para tudo o que se quiser falar dessa triste cerimônia. Ela é que associa os judeus às profissões e aos profissionais vinculados à opressão e à exploração do povo, tais como: o vendeiro da esquina, o chefe da seção, o proprietário da casa de aluguel, a dona da pensão de mulheres, o turco da prestação, o cobrador do gás, o tio rico que não quer morrer, o rival político, o homem importante que passa de automóvel acendendo invejas impotentes. Em suma, Judas é a triste caricatura do judeu nos meios populares.

II. Bandeira e Corrêa do Lago (2009) publicaram muito recentemente um estudo pormenorizado das obras completas de Debret no Brasil. Apesar da importância do referido pintor, só agora, por meio dessa magnífica obra, que já nasceu como uma referência, essas pinturas conheceram um tratamento crítico em língua portuguesa, sendo possível identificar, inclusive, aquelas que lhe eram falsamente atribuídas.

<sup>7</sup> Para um aprofundamento sobre esse tipo de visão, ver a interessante discussão proposta por Câmara Cascudo (CASCUDO, 1984, p. 93-115).

Encontram-se, nesse estudo, quatro aquarelas<sup>8</sup> diretamente relacionadas com o nosso objeto de estudo, sendo a mais completa a de número A-48 (=G-119 A)<sup>9</sup>.

2.1. Debret, além de assinar e datar em 1823 essa aquarela, ainda fez um longo comentário sobre a queimação e malhação do boneco de Judas. Bandeira e Corrêa do Lago (2009, p. 149) se limitaram a reproduzi-lo, sem, no entanto, emitirem qualquer tipo de crítica, adotando o mesmo critério de Lima (ver item 1.1.). Esse tipo de omissão constitui-se em grave erro metodológico, pois ao não submetê-lo a uma crítica, acaba por reforçar a ideia, junto ao leitor, que não tem uma informação mínima necessária, de que ele ainda é atual e portador de uma verdade inquestionável. Devido a essa ausência, serão feitas aqui observações críticas ao referido comentário de Debret, o qual será dividido didaticamente em três partes. De imediato, ele escreveu:

O sentimento dos contrastes, que fecunda tão especialmente o gênio dos povos meridionais da Europa, encontra-se igualmente entre os brasileiros, capazes de fazer suceder ao lamentável espetáculo das cenas da Paixão de Cristo durante a Quaresma, o enforcamento solene de Judas no Sábado de Aleluia. Piedosa justiça que serve de pretexto para fogos de artifício queimados às dez da manhã, no momento da Aleluia que põe em alvoroço toda a população do Rio de Janeiro, contente de ver os pedaços inflamados desse apóstolo perverso, atirados ao ar pela explosão dos fogos, e logo destruídos entre os vivas da multidão. (cf. BANDEIRA e CORRÊA DO LAGO, 2009, p. 149)

Seis observações podem ser feitas para essa primeira parte do comentário de Debret: (a) conforme já salientado, por povos meridionais, deve-se entender Espanha e Portugal (CASCUDO, 2002, p. 312); (b) o enforcamento de Judas depende exclusivamente da narrativa do evangelho de Mateus<sup>10</sup>; (c) a tradição cristã, provavelmente forjada na Baixa Idade Média (MOTA, 1976, p. 15,17), fixa o suicídio de Judas no *Sábado de Aleluia*, no tempo da Quaresma; (d) Debret observa que a piedosa justiça seria um simples pretexto para os fogos de artifício; (e) Judas é apresentado como um apóstolo perverso, portanto, como um homem mau; e (f) nota-se uma radiante alegria na

<sup>8</sup> Para uma discussão crítica desse material imagético, ver abaixo item 2.2.

<sup>9</sup> Adotar-se-á, como premissa, neste trabalho, o critério de classificação adotado por Bandeira e Corrêa do Lago (2009) para as obras do pintor francês.

<sup>10</sup> Dois outros importantes autores cristãos, como Lucas e Papias, trabalharam com tradições diferentes daquelas de Mateus sobre o tipo de morte que esse discípulo conheceu. Para um aprofundamento, ver: nota 3.



população em ver o boneco de Judas ser destruído pela explosão de fogos e pauladas<sup>11</sup>.

A seguir, Debret constatou:

É ao som do primeiro sino da Capela Imperial, que anuncia<sup>12</sup> a ressurreição de Cristo e ordena a queimação de Judas, que esse duplo motivo de alegria se exprime pela queima de fogos, pelas salvas de artilharia da Marinha e dos fortes, pelos alegres clamores da população e pelo carrilhão de todas as igrejas da cidade. [...] Passando pelos preparativos da festa, vemos a classe indigente, que se presta facilmente às ilusões, representar um Judas enchendo de palha uma roupa de homem à qual acrescenta uma máscara com boné de lã para formar a cabeça. Alguns explosivos colocados nas coxas, nos braços e na cabeça, servem para desmembrar o boneco no momento desejado. [...] (cf. BANDEIRA e CORRÊA DO LAGO, 2009, p. 149)

Nesse segundo recorte, cinco observações se colocam: (a) é em oposição à ressurreição de Jesus, que só se dará no *Domingo da Páscoa*, que se ordena a queimação e malhação do boneco de Judas no *Sábado de Aleluia*; (b) há um sentimento duplo de alegria na sociedade: pela morte de Judas e pela ressurreição de Jesus; (c) a manifestação de alegria não se restringe aos indivíduos, mas ao próprio Estado brasileiro, que se faz representar pelas salvas de artilharia da Marinha e dos fortes; (d) a queimação e malhação do boneco de Judas começa nas primeiras horas da manhã (a partir das 10h) do *Sábado de Aleluia*<sup>13</sup>; e (e)

<sup>11</sup> Cascudo (2002, p. 312) observa que no Brasil é costume antigo fazer-se o julgamento de Judas, sua condenação e execução. Antes do suplício, alguém lê o Testamento do Judas, em versos, colocado especialmente no bolso do boneco. Para os vários tipos de Testamentos de Judas disseminados pelo Brasil, ver: Mota, 1976, p. 45-111.

<sup>12</sup> Nota-se aqui, no escrito de Debret, um erro na tradicional cronologia cristã. A morte de Jesus ocorre quando finda a *Quinta-Feira da Agonia* e se inicia a *Sexta-Feira da Paixão*. Portanto, é no *Sábado de Aleluia* que se tem a queimação e malhação do boneco de Judas. Já o *Domingo da Páscoa* marca a vitória de Jesus sobre a morte, por meio de sua ressurreição (ver Anexo I).

<sup>13</sup> Neste ponto, não estamos de acordo com Cascudo (2002, p. 312), quando observa que essa manifestação popular seria uma personificação das forças do mal, constituindo vestígio dos cultos agrários espalhados pelo mundo; nem com Mota (1976, p. 14, 20, 113), que apesar de identificar a malhação ou queimação de Judas como a dos judeus que se queimavam nas fogueiras da Inquisição, associa essa manifestação popular como uma sobrevivência da “condenação em efígie”. Associar o mal como sendo próprio ou exclusivo de um *ethnos*, tal como fez a longuíssima tradição cristã europeia em relação ao judaísmo, não nos parece relacionado a vestígios de cultos agrários. Da mesma forma, o ato de queimar a imagem e/ou ossos daquele condenado à morte pela inquisição, acusado de heresia, mas que no dia do cumprimento da pena havia conseguido escapar da prisão e/ou já havia morrido é inserir no mesmo campo grupos étnicos diferentes. A queima e malhação de Judas pode até ter algum tipo de diálogo superficial com cultos agrários e “efígies”, mas não se resume a eles. Dissociá-los de uma construção marcadamente antijudaica forjada no seio do cristianismo europeu, não só não nos parece adequado, como também nos parece mesmo se constituir num erro histórico (ver Anexo I).

a julgar pela própria aquarela, a classe indigente, que se presta às ilusões, seria composta pelos negros.

Na última parte de seus comentários, Debret anotou:

Quanto aos detalhes, [...] a figura indispensável e principal é Judas, vestido de blusa branca (pequeno dominó branco com capuz), pendurado numa árvore pelo pescoço, segurando uma bolsa supostamente cheia de dinheiro. No peito, carrega um cartaz, onde quase sempre figuram os seguintes termos: “Eis o retrato de um miserável suplicado por ter abandonado seu país e traído seu senhor”. Um diabo negro e o mais feio possível, a cavalo sobre os ombros da vítima, faz papel de carrasco e parece apertar, com peso de seu corpo, o nó corrediço da corda que estrangula a vítima. (cf. BANDEIRA e CORRÊA DO LAGO, 2009, p. 149)

Destacam-se aí três observações: (a) enfatiza-se, uma vez mais, por meio do enforcamento, a escolha da narrativa de Mateus; (b) a presença da árvore<sup>14</sup> faz parte de uma Tradição totalmente independente deste evangelista. Possivelmente ela serve para reforçar a dramatização da morte do discípulo traidor; (c) a vinculação de Judas com a bolsa de dinheiro só faz aumentar o tom antijudaico.

2.1.1. Dos quatro trabalhos de Debret relacionados com o boneco de Judas, sem dúvida o de 1823 é o mais completo (ver imagem 1).



Imagem 1. Debret, aquarela “Queimação e Malhação de Judas”.

BANDEIRA e CORRÊA DO LAGO (2009) n.º. A-48 (= n.º. G-119 A) de 1823.

<sup>14</sup> Spalding (1955, p. 70-71) define-a como sendo uma figueira em uma das tradições culturais brasileiras.

Essa aquarela oferece diferentes chaves de interpretação. Adotar-se-ão aqui duas delas, compostas pelos binômios terra/mar; e profano/sagrado.

Assumindo a perspectiva proposta por Debret<sup>15</sup>, vê-se uma manifestação popular acontecendo tanto em terra, quanto no mar. Na terra, os sinos da Igreja [do Carmo] anunciam a ressurreição de Jesus. É hora de todo o povo se reunir na praça pública. Os negros, reunidos ao redor de uma árvore, acendem os fogos que estão presos no corpo de Judas. Esse discípulo traidor aparece enforcado, segurando com o seu braço direito uma bolsa. Os fogos, ao estourarem, enchem o lugar com uma fumaça branca, ao mesmo tempo em que dilaceram o corpo do boneco, fazendo com que suas partes caiam no chão. Elas são imediatamente arrastadas, recebendo pauladas das crianças negras. Ao mesmo tempo, no mar, alguns navios parecem também estar cobertos por uma espécie de fumaça branca, resultado das salvas de tiros de seus canhões para celebrar a ressurreição de Jesus. A elite branca, praticamente reunida junto à porta central da igreja, observa de longe tudo o que se passa na terra e no mar, salvaguardadas pelo espaço religioso.

No espaço da terra, Debret parece demarcar dois campos distintos, os quais não se misturam: de um lado os brancos, que sob a proteção da igreja, mantêm-se à parte daquela manifestação popular, guardando a devida distância dos impuros, sejam eles negros e/ou simplesmente o boneco caracterizando Judas e/ou judeus. No outro campo, encontram-se os negros, que apesar de explodirem e malharem Judas, permanecem o tempo todo ao seu lado, compartilhando de sua companhia, fazendo o trabalho sujo que a elite branca se recusa a fazer, evitando dessa forma o perigo do contágio, do *miasma*.

Três outros trabalhos de Debret (ver imagens 2, 3, 4) apontam outras chaves de Leituras sobre a morte de Judas na primeira metade do século XIX. Eles serão analisados conjuntamente.

Estas três aquarelas, apesar de vincularem Judas à árvore, sugerindo a sua morte por enforcamento, agregam um elemento novo: a presença de um diabo preto, cuja face é feiíssima, dotado de chifres e garras proeminentes. É ele quem dá o derradeiro nó no laço, e que ajuda, com seu peso, pois está sentado sobre os ombros do traidor, a tencionar ainda mais para baixo a corda. Em todas estas três pinturas, Judas segura com a mão esquerda uma bolsa de dinheiro. Ela explicita o motivo de sua traição. Tem-se, em uma das pinturas

<sup>15</sup> Não deixa de ser interessante observar que a Igreja [do Carmo] está aberta, com seus sinos a badalar durante o dia.



Imagem 2. Debret, aquarela.

BANDEIRA e CORRÊA DO LAGO (2009) nº. E-288-45 (ver tb. p. 619, detalhe).

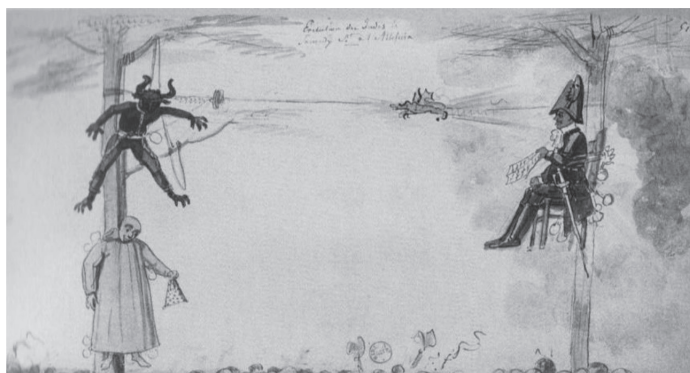


Imagem 3. Debret, aquarela.

BANDEIRA e CORRÊA DO LAGO (2009) nº. E-288-47 (ver tb. p. 619).



Imagem 4. Debret, aquarela.

BANDEIRA e CORRÊA DO LAGO (2009) nº. G-119 B.

(imagem 3), um boneco, representando um agente público (um beleguim?), sentado sobre uma cadeira, amarrada a uma árvore. Ele segura, com sua mão esquerda, o que parece ser o testamento de Judas. Nestas folhas estão arrolados todos os crimes cometidos por este antigo discípulo de Jesus. Ao término da leitura, seguida da execução do traidor, nota-se uma explosão de alegria da multidão, com alguns jogando para o alto seus chapéus. É possível identificar também, em duas aquarelas (imagens 2 e 4), uma plaquinha presa por uma corrente, que repousa sobre o peito de Judas: ela traz por escrito, de maneira sintética, o motivo de sua morte. Não há dúvida, esse tema, em todos os seus pormenores, é marcadamente antijudaico.

2.2. Além de Debret, outros pintores também se interessaram pela temática da queima e malhação do boneco de Judas no século XIX: Adrien Aimé Taunay; Abraham-Louis Buvelot e Louis-Auguste Moreaux; James Cooley Fletcher e Daniel Parish Kidder. Quando comparado às aquarelas de Debret, os seus trabalhos pouco ou nada variaram no tratamento do tema. São sempre negros que queimam e/ou malham o boneco de Judas.

Notam-se, na aquarela de Taunay<sup>16</sup> (ver imagem 5), dois interessantes indícios corretamente destacados por Ferrez (1965, p. 86; 2000, p. 221, n.º. 1151): a presença do beleguim que parece não apenas apreciar, como também concordar com essa manifestação popular; e a naturalidade, ou quiçá mesmo a banalidade, devido à sua presença largamente disseminada no *Sábado de Aleluia*, que esse tipo de festejo provoca no sota, que sequer vira a sua cabeça para ver os negros queimarem e malharem o boneco de Judas.

Já o trabalho de Buvelot e Moreaux (ver imagem 6) apresenta uma espacialidade que remete para uma área central da cidade – apesar de aos olhos de hoje tendermos a ler todo esse cenário como se rural fosse, devido à presença de uma área aberta, de uma casa de um só pavimento e da própria bananeira. Mas, esse cenário de “distanciamento” não pode ofuscar a Rua dos Arcos, com toda a cena ocorrendo aos pés do aqueduto da Carioca, junto à Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Lapa do Desterro, com sua torre sineira bem visível<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Há uma inscrição produzida pelo próprio pintor: “On abandone aux Nègres de chaque Paroisse dans la semaine Sainte un Mannequin en ozier représentant Judas qu'ils brulent après l'avoir trainé dans toutes les rues”.

<sup>17</sup> Constata-se um olhar muito semelhante no tratamento da Rua dos Arcos (a ênfase nos arcos, na testada da igreja, na casa de um andar e na vegetação) envolvendo esta gravura de Buvelot e o desenho de Flechter e Kidder (1879, p. 63).





Imagem 5. Adrien Aimé Taunay, aquarela “Queima e Malhação de Judas”.  
Museus Castro Maya, 1819.



Imagem 6. Abraham-Louis Buvelot e Louis-Auguste Moreaux,  
gravura “Malhação de Judas”.  
Litografia de Heaton & Rensburg. 1845.

Observa-se, nesta gravura, um grupo de homens negros, com um deles, usando uma espécie de cartola na cabeça, arrastando Judas pelo chão. Esses homens, armados com pedaços de paus, malham o boneco, no exato instante em

que ele vai sendo puxado pelo pescoço por uma corda. Junto à construção de um só pavimento, um homem branco, a julgar pelo seu traje, observa toda a cena.

Por fim, o desenho de Fletcher e Kidder (ver imagem 7) mostra o boneco de Judas sendo arrastado por dois negros, que o puxam por meio de cordas presas (ao que parece) ao redor de seu pescoço. Dois outros negros, um homem e uma mulher, o espetam com varas, com uma delas transpassando o seu peito, enquanto que dois outros jovens, um deles marcadamente uma criança, jogam-lhe pedras. Toda a cena se desenvolve no espaço urbano, fortemente demarcado pela presença de casarios e da própria rua calçada por pés de moleque. Guardando uma distância segura, encontram-se um casal de negros e dois homens brancos.



Imagem 7. James Cooley Fletcher e Daniel Parish Kidder, gravura “Malhação de Judas”. Litografia de Heaton & Rensburg. 1879.

### III. Um Balanço Conclusivo

As análises envolvendo discursos (teológicos) e experiências cotidianas (históricas) devem ser concebidas à luz do estreito diálogo entre diacronia e sincronia. Este procedimento metodológico explicita ideias, contidas nos discursos, que respaldam as experiências cotidianas, deixadas claras aqui por meio de uma importante manifestação popular: a queimação e malhação do boneco de Judas na cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX.

Implica dizer, não há como formular discursos e práticas advindas do que se convencionou chamar *experiência religiosa cristã ortodoxa* (a) sem considerar o fato de as suas raízes estarem contidas no *corpus neotestamentário*, cujos textos foram produzidos nos séculos I e II; (b) sem compreender que essa documentação textual é lida por meio de filtros de leitura interpostos pela patrística cristã; (c) sem identificar a longuíssima matriz antijudaica mediterrânica, cujos impactos ainda se fazem sentir no tempo presente, no geral, e no Brasil, em particular; e (d) sem perceber que essa manifestação popular no Rio de Janeiro do século XIX ganhou um contorno fortemente racial.

## Referências

### 1. Obras de referência

- BANDEIRA, J. e CORRÊA DO LAGO, P. *Debret e o Brasil. Obras Completas*. Rio de Janeiro: Capivara, 2009.
- CUNHA, L. F. F. *O Rio de Janeiro através das Estampas Antigas*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional / Divisão de Publicações e Divulgação, 1970.
- FERREZ, G. *Iconografia do Rio de Janeiro 1530-1890*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2 vols, 2000.

### 2. Dicionário

- CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 11. ed, 2002.

### 3. Trabalhos específicos

- CARNEIRO, E. *A Sabedoria Popular*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CASCUDO, L. C. *Mouros, Franceses e Judeus*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- CHEVITARESE, A. L. *Jesus no Cinema. Um Balanço Histórico e Cinematográfico entre 1905 e 1927*. Rio de Janeiro: Klíne, 2013.
- CHEVITARESE, A. L. Evangelho de Judas. Uma Luz no Fim de uma Antiga História Sombria?, in: FUNARI, P. P. A., SILVA, G. J. e MARTINS, A. L. (Orgs.) *História Antiga. Contribuições Brasileiras*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2008a, p. 65-77.
- CHEVITARESE, A. L. O Tema da Traição na Documentação Antiga Cristã e o Recém Descoberto Evangelho de Judas, in *Revista do Jesus Histórico e sua Recepção*. Rio de Janeiro: Instituto de História / UFRJ, Ano I [2008b] volume 1. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br/arquivos1/andre.chevitarese.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2015
- CHEVITARESE, A. L. Da Traição à Morte de Jesus de Nazaré. Em Torno de Judas Iscariotes, in: CHEVITARESE, A. L., CORNELLI, G. e SELVATICI, M. (2006) *Jesus*



- de Nazaré. *Uma Outra História*. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2006, p. 121-130.
- FERREZ, G. A. *Muito Leal e Heroica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Quatro Séculos de Expansão e Evolução*. Editado por Raymundo de Castro Maya, Cândido Guinle de Paula Machado e Fernando Machado Portella; Direção de Marcel Mouillot. Paris: A. & P. Jarach, 1965.
- FLETCHER, J. C. and KIDDER, D. P. *Brazil and the Brazilians*. Boston: Little, Brown and Company, 1879.
- LIMA, V. J.-B. *Debret. Historiador e Pintor*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- MOTA, A. V.-B. *Queimação de Judas. Catarismo, Inquisição e Judeus no Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC-SEAC-FUNARTE, 1976.
- SPALDING, W. *Tradições e Superstições do Brasil Sul*. Rio de Janeiro: Simões, 1955.

#### 4. Obras gerais

- BESTUL, T. H. *Texts of the Passion. Latin Devotional Literature and Medieval Society*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996.
- ERICKSEN, R. P. *Complicity in the Holocaust. Churches and Universities in Nazi Germany*. New York: Cambridge University Press, 2012.
- MARROW, J. H. *Passion Iconography in Northern European Art of the Late Middle Ages and early Renaissance*. Kortrijk, Bélgica: Van Ghemmert Publishing Company, 1979.
- SHAPIRO, J. *Oberammergau. The Troubling Story of the World's Most Famous Passion Play*. New York: Vintage, 2001.

## Anexo I

FLETCHER, J. C. e KIDDER, D. P. *O Brasil e os Brasileiros. Esboço Histórico e Descritivo*. Tradutor: Elias Dolianiti. Rio de Janeiro: UFRJ (Brasiliana Eletrônica)<sup>18</sup>, volume 205 T1, 1ª edição do original de 1941, p. 168-171.

## Semana Santa

[página 168] A Semana Santa, pela qual termina a Quaresma, é principalmente consagrada aos serviços religiosos que comemoram a história de Nosso Senhor, mas tão modificados pela tradição e pelo excesso de cerimônias, que poucas pessoas, através deles, podem fazer uma ideia apropriada do que [página 169] realmente aconteceu antes da crucificação de Cristo. Os dias são designados no Calendário como Quarta-Feira de Trevas, Quinta-Feira da Agonia, Sexta-Feira da Paixão e Sábado da Aleluia.

A Quinta-Feira da Agonia, da mesma forma que os ingleses a celebram, é guardada da meia-noite desse dia, até à meia-noite do dia seguinte. Suspendem-se todos os toques de sinos, explosões de foguetes. A luz do dia é eliminada de todas as igrejas; os templos são interiormente iluminados com círios de cera, no meio dos quais, no altar-mor, é exposto o Santíssimo. Dois homens ficam de pé em roupagens de seda vermelha ou púrpura, para guardá-lo. Em algumas igrejas a efígie do Corpo de Cristo é colocada deitada por baixo de uma pequena redoma, com uma das mãos à mostra para que a multidão a beije, depositando esmolas numa salva de prata, que se acha ao lado. À noite, o povo passeia pelas ruas, visitando as igrejas. É também ocasião para troca geral de presentes, que revertem principalmente em benefício das mulheres escravas, que têm então ocasião de preparar e vender doces, para seu lucro.

A sexta-feira continua silenciosa, e uma procissão fúnebre, carregando uma representação do Corpo de Deus, percorre as ruas. À noite, realiza-se um sermão e uma outra procissão, em que anjinhos, todos ataviados da forma dos anjos já descrita, trazem emblemas alusivos à crucificação. Um traz os pregos, outro o martelo, um terceiro a esponja, um quarto a lança, um quinto a escada, e um sexto o galo que deu o aviso a Pedro. Nunca as varandas se apinham mais de gente do que nessa ocasião. Há um interesse geral em cada um ver a sua própria filha executando o seu papel, interesse este que leva a assistirem o ato centenas de famílias que, de outra forma, teriam ficado em casa. Não há procissão mais bela e impo-

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/128/O-Brasil-e-os-brasileiros-esboco-historico-e-descritivo-v1>> Acesso em: 21 jun. 2014.

nente do que esta. Quando estava contemplando a longa fileira dos homens de opa, conduzindo nas mãos uma imensa tocha, e pela outra um anjinho brilhantemente vestido – quando, de tempos em [página 170] tempos, eu via as imagens daqueles que foram espectadores ativos ou silenciosos dessa triste cena, que se realizou no Calvário havia dezoito séculos passados, – quando contemplava os soldados com seus capacetes na mão, e suas armas voltadas para baixo, marcharem com passo lento e compassado, – quando ouvia o canto solene saído das vozes das crianças ou, os acordes menores majestosos da marcha fúnebre, gemendo no ar da noite, – meus sentimentos estéticos foram poderosamente excitados. Mas quando se fazia um alto na procissão, e eu verificava a frivolidade e a indiferença dos atores, o efeito se me esvaecia, e eu podia ver que os esforços feitos sobre a multidão das ruas e dos balcões do Rio haviam sido inteiramente perdidos<sup>19</sup>.

O Sábado de Aleluia é mais conhecido como dia de Judas, por causa das inúmeras formas por que o “Inglório Patriarca” é posto a sofrer a vingança do público. Os preparativos são feitos previamente, e atiram-se foguetes em frente das igrejas, numa das fases do ofício matutino. Esses tiros de foguete indicam que a Aleluia está sendo cantada. Começa então a brincadeira na rua, em todas as partes da cidade. Efigies do desgraçado do Judas se tornam objeto de toda espécie de tormentos. São penduradas, estranguladas e afogadas; em suma, o traidor é levado à fogueira e as mais fantásticas figuras, juntamente com dragões, [página 171] serpentes e o demônio e seus diabinhos, se precipitam sobre ele.

Além dos preparativos mais formais e dispendiosos, que são feitos para essas celebrações por meio de subscrições públicas, têm também as crianças e os negros os seus Judas, que por eles são maldosamente arrastados pelas ruas, surradas a cacete, pendurados, batidos, espetados, apedrejados, queimados e afogados com toda a alegria.

Terminada a Quaresma, o Domingo de Páscoa anunciado por alegres trechos de música, por bandas e grandes orquestras, pela iluminação das igrejas, com brilho fora do comum, e pelas descargas triunfais de foguetes no ar, e da artilharia dos fortes e baterias.

<sup>19</sup> [Neste ponto da narrativa, Fletcher e Kidder estabeleceram o seguinte comentário] No Brasil a familiaridade com as coisas da nossa sagrada religião aboliu toda espécie de veneração. Na Bahia, contou-me um cavalheiro católico o seguinte fato, ocorrido na província de Sergipe del Rei, no ano de 1855. Foi durante uma festa de igreja, num sermão sobre a crucificação. Um índio civilizado, pela promessa de ganhar muita cachaça, consentiu em representar Jesus Cristo sobre a Cruz. A sua posição era bastante incômoda, e junto à base da cruz estava um balde cheio de cachaça, e mergulhada nesta uma esponja amarrada na ponta de uma vara comprida. A pessoa que se incumbira de refrescar o caboclo, esqueceu-se da incumbência, toda embebida na eloquência floreada do padre. O índio, porém, não se esqueceu do contrato e, com grande surpresa e hilaridade da assistência, gritou: “Ó senhor judeu, SENHOR JUDEU, mais fel!”